



DESEMPENHO DOS BANCOS DE MONTADORAS DE VEÍCULOS: UMA ANÁLISE DOS INDICADORES ECONÔMICO-FINANCEIROS PARA O SETOR BANCÁRIO

Divane Dias dos Santos Nascimento

Marcos Wagner da Fonseca

RESUMO

O crescimento do mercado consumidor de veículos no Brasil impulsionou a necessidade das operações de crédito realizadas pelos bancos de montadora de veículos. Neste contexto, este artigo tem como objetivo apresentar o desempenho destes bancos através da análise de indicadores econômico-financeiros para o setor bancário propostos pela Federação Brasileira de Bancos (FEBRABAN) e pelo autor Assaf Neto. A teoria de base utilizada para esta pesquisa é a Teoria das Carteiras, desenvolvida por Harry Markowitz, em 1952, que aborda a diversificação das carteiras com o intuito de reduzir o risco das mesmas. Na contramão desta teoria estão os bancos de montadora, que concentram sua carteira, devido sua exclusividade nas operações de financiamento de veículos, para suas montadoras. As informações foram coletadas no site do Banco Central do Brasil (BACEN), através das Demonstrações Financeiras: Balanço Patrimonial, Demonstração do Resultado do Exercício e Notas Explicativas dos anos de 2007 a 2011, período com registro de maior aumento de financiamento de veículos. A amostra é formada por dez instituições financeiras, de montadoras de veículos, cadastradas na Associação Nacional das Empresas Financeiras das Montadoras (ANEF), em outubro de 2012. Os resultados obtidos foram que apesar de contrariar a Teoria das Carteiras, os bancos de montadoras analisados obtiveram bom desempenho na maioria dos indicadores econômico-financeiros analisados.

Palavras-chave: Bancos de Montadora, Teoria das Carteiras, Indicadores Econômico-Financeiros.

ABSTRACT

The growth of vehicles market in Brazil improves the credit needs held by captive banks. In this context the objective of this article is to present the performance of captive carmakers banks, through economic-financial indicators for banking sector proposed by Brazilian Federation of Banks and the author Assaf Neto. The basic theory used is the Portfolio Theory, developed by Harry Markowitz in 1952, that proposes the portfolio diversification in order to reduce their risk. Against this theory are the captive banks that concentrate their portfolio due to their specificity in financing vehicle of their carmakers. The information was collected at Brazil Central Bank (BACEN) website through Financial Statements: Balance Sheet and Notes from 2007 to 2011, a period with largest increase in vehicle financing. The sample is made up for ten captive banks registered at National Association of Financial Carmakers, (ANEF) in October 2012. The results showed that although the captive banks practices are opposite the Portfolio Theory, they presented good results in most of financial indicators analyzed.

Keywords: Captive Carmakers Banks, Portfolio Theory, Economic-Financial Indicators.

Correspondência/Contato

UniBrasil
Centro Universitário Autônomo do Brasil
Rua Konrad Adenauer, 442 - Tarumã -
Curitiba - PR - 82821-020

cademosdenegocios@unibrasil.com.br
<http://apps.unibrasil.com.br/coppex/>

Editor responsável

Claudio Marlus Skora
claudio.skora@unibrasil.com.br

1. INTRODUÇÃO

As instituições financeiras das montadoras de veículos têm como objetivo facilitar o processo de concessão de crédito a seus clientes. Borghi (2011, p.155) ressalta a relevância dos bancos das montadoras ao mencionar que:

“as atividades do braço financeiro assumiram crescente importância na estrutura e no desempenho da corporação, muitas vezes minimizando os prejuízos operacionais e mesmo promovendo uma diversificação para áreas não correlatas ao seu objetivo central de financiar a aquisição dos bens produzidos pela empresa”.

No que tange as operações de crédito, ressalta-se a participação do crédito na economia brasileira nos últimos anos, devido a sua importância como fonte de recursos, para atender a demanda de consumo da população brasileira. Dentre as operações de crédito destaca-se para esta pesquisa o financiamento de veículos.

Neste sentido, a Associação Nacional das Empresas Financeiras das Montadoras (ANEF, 2012) menciona que, em 2008, o total de recursos liberados para financiamento de veículos foi de 82,4 bilhões de reais e em 2011 foram liberados 173,3 bilhões de reais, o que representa um aumento significativo de 110,3%. O saldo de crédito para aquisição de veículos para pessoas físicas, em 2011, atingiu 4,8% do Produto Interno Bruto (PIB), o que representa 9,9% do crédito total do Sistema Financeiro Nacional (SFN) e 30,8% do total do crédito destinado às pessoas físicas.

O cenário de crescimento dos financiamentos de veículos é um fator relevante para estudo dos bancos de montadora, pois possuem uma alta concentração de operações de crédito destinada ao financiamento de veículos. Este comportamento de concentração da carteira de clientes contraria a Teoria das Carteiras de Markowitz, que propõe a diversificação das carteiras como meio para diminuir o risco das aplicações.

Neste contexto, esta pesquisa apresenta alguns dos indicadores econômico-financeiros propostos pela FEBRABAN e por Assaf Neto, a fim de demonstrar o desempenho dos bancos de montadoras. Sendo assim, a questão que norteia este estudo é: Qual o desempenho dos bancos de montadora, através da análise dos indicadores econômico-financeiros no período de 2007 a 2011?

Assim sendo, o objetivo geral da pesquisa é analisar o desempenho dos bancos de montadora, através da análise dos indicadores econômico-financeiros, no período de 2007 a 2011.

O artigo está estruturado em cinco tópicos, incluída a introdução. O segundo tópico trata do referencial teórico que aborda os temas: instituições financeiras, teoria das carteiras, bancos de montadora e indicadores econômico-financeiros. O terceiro tópico aborda questões acerca da metodologia utilizada. No quarto tópico é apresentada a análise e resultados da pesquisa e o quinto, e último, tópico encerra o artigo com as considerações finais.

2. REFERÊNCIAL TEÓRICO

2.1 INSTITUIÇÕES FINANCEIRAS NO BRASIL

As instituições financeiras alvo desta pesquisa são as sociedades de crédito, financiamento e investimentos, denominadas de Financeiras ou Companhias de Financiamento.

De acordo com Saunders (2000, p.70), “a função principal das companhias de financiamento é a realização de empréstimos a pessoas físicas e jurídicas”. O mesmo autor comenta que as operações de empréstimos das companhias de financiamento são similares a empréstimos bancários, tais como: fornecimento de crédito ao consumidor e financiamento de veículos. Quanto à classificação das companhias de financiamento, Saunders (2000) apresenta dois tipos:

- 1- companhias de financiamento que especializam-se na concessão de crédito parcelado, especialmente para financiamento da compra de automóveis por pessoas físicas;
- 2- as companhias diversificadas que fazem empréstimos a pessoas físicas além de fornecer crédito a empresas, principalmente através de arrendamento mercantil de equipamentos e operações de *factoring*.

Para Assaf Neto (2012), a classificação das sociedades financeiras são quatro:

- a) independentes, quando atuam sem nenhuma vinculação com outras instituições do mercado financeiro;
- b) ligadas a conglomerados financeiros;
- c) ligadas a grandes estabelecimentos comerciais;
- d) ligadas a grandes grupos industriais, como montadoras de veículos.

E é neste contexto que se apresenta, na próxima seção, as instituições financeiras citadas por Saunders (2000) e Assaf Neto (2012), relacionadas a grandes grupos industriais que concedem crédito especialmente para financiamento de veículos, ou seja, os Bancos de Montadoras.

2.2 BANCOS DE MONTADORA DE VEÍCULOS

Para Silva e Neto (2002), os bancos de montadoras de automóveis operam basicamente como financeiras a serviço de suas controladoras. Desta forma, a parceria entre montadoras e seus bancos próprios proporciona um nicho de mercado adicional à montadora, que além da venda de veículos, também tem condições de oferecer o financiamento e até mesmo o seguro ao cliente, que encontra neste relacionamento facilidades no processo de liberação de crédito e nas condições de financiamento do veículo.

Saunders (2000) comenta que as companhias de financiamento normalmente são subsidiárias ou unidades cativas de grandes empresas industriais. O autor também denomina estas companhias de financiamento como ‘cativas’, cujo objetivo é conceder crédito para a compra de produtos fabricados pela matriz, como exemplo o financiamento de automóveis fabricados pelas montadoras.

Neste sentido, Borghi (2011) menciona que os bancos de montadoras representam um importante canal de estímulo às vendas do setor automobilístico e tornam-se peças centrais na dinâmica das corporações. O autor também destaca que a inexistência dos braços financeiros poderia comprometer o ritmo de crescimento da indústria automobilística.

Além das características de fomentar as vendas, facilitar o acesso ao crédito e fornecer suporte financeiro às montadoras, os bancos cativos possuem as seguintes características: utilização de taxas de financiamento subsidiadas e alta concentração de operações, haja vista, as operações de financiamentos somente dos produtos fabricados pelas montadoras, ou seja, não possuem operações diversificadas como os demais bancos do mercado.

2.3 TEORIA DAS CARTEIRAS

A Teoria das Carteiras ou Teoria Moderna de Portfólios, ou ainda Teoria da Diversificação, foi desenvolvida por Harry Markowitz, em 1952, como um modelo para gestão de risco em investimento, com o intuito de criar princípios para formação e diversificação das carteiras, para reduzir o risco de mercado que possibilita aos investidores maior rentabilidade. Neste sentido, Brealey e Myers (1996, p.166), mencionam que “a maior parte dos investidores não põe todos os ovos no mesmo cesto: diversifica”. Contrário ao pensamento da época, o revolucionário modelo

proposto por Markowitz considerava que investidores deveriam concentrar sua carteira em ativos mais rentáveis. (Zanini e Figueiredo, 2005).

A Teoria da Diversificação é utilizada como estratégia para minimizar o risco da carteira. Ross *et al* (1998) definem diversificação como um processo de distribuição de investimentos, por vários ativos, formando uma carteira. Para o autor, o princípio da diversificação é aquele que apresenta carteiras altamente diversificadas que normalmente não possuem nenhum risco não sistemáticos, e que são riscos específicos à empresas ou a ativos individuais. Desta forma, pode-se considerar que uma carteira diversificada é aquela que possui uma distribuição de ativos, que auxiliará na eliminação de parte do risco.

Como forma de relacionar a Teoria das Carteiras as atividades das instituições financeiras, Douat (1995) destaca que um empréstimo comercial é uma forma de investimento em títulos, pois um banco, quando realiza um empréstimo, adquire um título e o conjunto de títulos forma uma carteira, cuja expectativa é de retorno e redução do risco. O autor ainda complementa que os bancos têm utilizado das vantagens da diversificação das carteiras de empréstimos através do *mix* de produtos e serviços que oferecem a seus clientes, assim como diversificação geográfica ao atuarem em variadas regiões do país.

Em contrapartida, os bancos de montadoras contrariam a Teoria das Carteiras ao concentrar suas operações exclusivamente ao produto de suas controladoras, ou seja, os bancos de montadora não diversificam suas carteiras e, por isso, apresentam risco na concentração de crédito. Mesmo diante do risco da concentração da carteira, em financiamento de veículos, é de suma importância o procedimento de análise dos indicadores econômico-financeiros, para averiguar o desempenho destes bancos.

2.4 INDICADORES ECONÔMICO-FINANCEIROS

2.4.1 Utilização de índices na análise das demonstrações financeiras

Para Sanvicente (2010), as demonstrações contábeis e financeiras de uma organização podem ser base para a construção de índices, que são grandezas comparáveis, com o objetivo de mensurar a posição financeira e os níveis de desempenho de uma organização em vários aspectos. A utilização de índices, no processo de análise das Demonstrações Financeiras, é fundamental para estudar a situação econômico-financeira, assim como comparar o comportamento e desempenho das organizações em determinados períodos, com o objetivo de auxiliar os gestores na tomada de decisões.

Assim, Matarazzo (2010) e Marion (2010) enfatizam que, para realizar uma análise de balanço, deve-se observar uma ordem de quatro etapas, são elas: extrair os índices das demonstrações financeiras; comparar os índices com os padrões; ponderar as diferentes informações para chegar num diagnóstico ou conclusão e tomar as decisões. A proposta de seguir as quatro etapas visa coordenar o processo de análise das demonstrações financeiras, a fim de garantir o padrão de qualidade dos resultados obtidos através da interpretação dos indicadores, para que alcance seu objetivo de evidenciar as variações, o desempenho e auxiliar no processo de tomada de decisões.

2.4.2 Indicadores econômico-financeiros para o setor bancário

Os indicadores econômico-financeiros escolhidos para este estudo foram os propostos pelo autor Assaf Neto (2010) e pela FEBRABAN (1999), pois ambos abordaram, em seus trabalhos, índices para o setor bancário, embora alguns destes indicadores possam ser utilizados por outras organizações. Alguns dos indicadores econômico-financeiros utilizados na pesquisa, baseados no autor Assaf Neto (2010) estão presentes no quadro 1, a seguir:

Quadro 1: Indicadores econômico-financeiros.

Indicadores	Fórmula	Conceito
Liquidez Geral	$\frac{\text{Ativo Circulante} + \text{Realizável a Longo prazo}}{\text{Passivo Circulante} + \text{Exigível a Longo Prazo}}$	Indica o quanto a instituição possui no ativo de curto e longo prazo para liquidar as obrigações de curto e longo prazo
Capital de Terceiros sobre Ativo Total	$\frac{\text{Passivo Circulante} + \text{Exigível a Longo Prazo}}{\text{Ativo Total}}$	Indica o grau de captação de recursos de terceiros em relação ao total de aplicações
Rentabilidade Operacional	$\frac{\text{Resultado Operacional}}{\text{Patrimônio Líquido Médio}}$	Indica o retorno obtido em relação ao Patrimônio Líquido Médio
Rentabilidade do Ativo Total	$\frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{Ativo Total Médio}}$	Mede o retorno líquido sobre o total de ativos da instituição
Rentabilidade Final do Patrimônio Líquido	$\frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{Patrimônio Líquido Médio}}$	Demonstra o ganho percentual auferido pelos proprietários; expressa a qualidade da gestão dos recursos da instituição.

FONTE: Adaptado pela autora a partir de Assaf Neto (2010); Gonçalves *et al* (2012) e Júnior *et al* (2007).

No Quadro 2 constam os indicadores econômico-financeiros elaborados a partir de trabalho desenvolvido pela FEBRABAN (1999).

Quadro 2: Indicadores econômico-financeiros.

Indicadores	Fórmula	Conceito
Liquidez Geral	$\frac{\text{Ativo Circulante} + \text{Realizável a Longo prazo}}{\text{Passivo Circulante} + \text{Exigível a Longo Prazo}}$	Indica o quanto a instituição possui no ativo de curto e longo prazo para liquidar as obrigações de curto e longo prazo
Capital de Terceiros sobre Ativo Total	$\frac{\text{Passivo Circulante} + \text{Exigível a Longo Prazo}}{\text{Ativo Total}}$	Indica o grau de captação de recursos de terceiros em relação ao total de aplicações
Rentabilidade Operacional	$\frac{\text{Resultado Operacional}}{\text{Patrimônio Líquido Médio}}$	Indica o retorno obtido em relação ao Patrimônio Líquido Médio
Rentabilidade do Ativo Total	$\frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{Ativo Total Médio}}$	Mede o retorno líquido sobre o total de ativos da instituição
Rentabilidade Final do Patrimônio Líquido	$\frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{Patrimônio Líquido Médio}}$	Demonstra o ganho percentual auferido pelos proprietários; expressa a qualidade da gestão dos recursos da instituição.

FONTE: Adaptado pela autora a partir dos dados da FEBRABAN (1999) e Júnior *et al* (2007)

3. METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como estudo descritivo, documental, qualitativo e quantitativo. Quanto à dimensão do tempo é longitudinal, pois estudou um determinado período, 2007 a 2011, com intuito de acompanhar mudanças ao longo do tempo em que houve o crescimento dos financiamentos de veículos.

Quanto ao controle das variáveis é *ex-post fact*, ou seja, sem interferência dos autores nas variáveis, pois a coleta de dados foi realizada através do site do BACEN. As Demonstrações Financeiras utilizadas foram: Balanço Patrimonial, Demonstração do Resultado do Exercício e Notas Explicativas dos anos de 2007 a 2011.

O *download* dos arquivos das Demonstrações Financeiras foi realizado no mês de outubro de 2012 e utilizou-se o software Excel 7 para organizar os dados em Tabelas e processar as fórmulas dos indicadores para obter os dados percentuais para análise.

A população é formada pelos bancos de montadoras que, em outubro de 2012, constavam como associados da ANEF; contudo, a amostra refere-se exclusivamente aos bancos de montadora de veículos. Os bancos de montadoras de máquinas agrícolas foram excluídos da amostra, já que não financiam veículos e bancos que não possuíam dados disponíveis no site do BACEN para alguns dos períodos analisados.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

A análise dos resultados foi realizada através dos indicadores econômico-financeiros referente a dez instituições financeiras de montadoras de veículos, no período de 2007 a 2011.

4.1 INDICADORES ASSAF NETO

A Tabela 1 demonstra o indicador econômico-financeiro ‘participação de empréstimos’ que evidencia que os bancos de montadora apresentaram um aumento da participação do ativo total, em relação às operações de crédito ao longo dos cinco anos analisados, com exceção do ano de 2008 que, na análise da média anual, apresentou uma redução de 8,5%.

Tabela 1: Participação dos Empréstimos.

<i>Bancos</i>	<i>2007</i>	<i>2008</i>	<i>2009</i>	<i>2010</i>	<i>2011</i>
1	68%	69%	19%	94%	87%
2	60%	64%	76%	81%	93%
3	78%	91%	93%	88%	93%
4	46%	32%	28%	34%	45%
5	38%	43%	42%	40%	37%
6	64%	67%	81%	88%	80%
7	96%	78%	79%	92%	89%
8	28%	27%	46%	29%	26%
9	79%	39%	50%	67%	73%
10	83%	81%	85%	82%	88%
Média	64%	59%	60%	70%	71%

FONTE: Elaborada pela autora a partir dos dados do BACEN (2012).

Na Tabela 2, o índice de independência financeira demonstra que, ao longo dos cinco anos, os bancos analisados reduziram a participação do capital próprio em investimentos no ativo. Na média geral, em 2007 os bancos apresentavam 19% do seu capital investidos no ativo, em 2009 atingiu 12% e em 2011 ocorreu um aumento deste percentual para 14%, todavia, ainda inferior ao ano de 2007. Destaca-se o banco 1 pela redução deste índice, pois em 2007 e 2008 utilizava respectivamente 48% e 44% de capital próprio para investimentos no ativo e em 2011 o percentual reduziu bruscamente para 12%.

Tabela 2: Independência Financeira.

<i>Bancos</i>	<i>2007</i>	<i>2008</i>	<i>2009</i>	<i>2010</i>	<i>2011</i>
1	48%	44%	5%	15%	12%
2	17%	10%	9%	9%	9%
3	33%	19%	19%	21%	20%
4	15%	11%	14%	16%	18%

5	17%	13%	11%	10%	17%
6	13%	11%	13%	14%	12%
7	12%	12%	15%	18%	16%
8	13%	15%	13%	10%	7%
9	9%	7%	8%	10%	10%
10	10%	8%	9%	16%	16%
Média	19%	15%	12%	14%	14%

FONTE: Elaborada pela autora a partir dos dados do BACEN (2012).

Na Tabela 3, o indicador ‘eficiência operacional’ mostra que, ao longo do período analisado, os índices mantiveram-se constantes, com exceção do ano de 2007, contudo, isto se explica devido o elevado índice de 125% do banco 2 neste período. A interpretação deste indicador menciona que quanto menor for o índice, melhor; desta forma, numa análise individual o banco 3 destaca-se como aquele que apresentou melhor eficiência operacional ao apresentar os menores percentuais durante os cinco anos.

Tabela 3: Índice de Eficiência Operacional.

<i>Bancos</i>	<i>2007</i>	<i>2008</i>	<i>2009</i>	<i>2010</i>	<i>2011</i>
1	29%	33%	8%	15%	17%
2	125%	22%	34%	12%	14%
3	12%	10%	12%	14%	12%
4	32%	37%	35%	38%	37%
5	43%	40%	32%	31%	35%
6	25%	24%	28%	19%	25%
7	40%	26%	25%	39%	44%
8	26%	15%	18%	17%	15%
9	32%	20%	32%	41%	24%
10	14%	11%	8%	10%	14%
Média	38%	24%	23%	23%	24%

FONTE: Elaborada pela autora a partir dos dados do BACEN (2012).

Na Tabela 4 apresenta-se o indicador ‘retorno médio das operações de crédito’, cuja, análise demonstrou a obtenção de ganho nas operações de crédito realizada nos períodos. Esta situação positiva evidencia que, apesar da alta concentração de operações de financiamento de veículos, os bancos alcançaram resultados positivos em relação às operações de crédito.

Tabela 4: Retorno Médio das Operações de Crédito.

<i>Bancos</i>	<i>2007</i>	<i>2008</i>	<i>2009</i>	<i>2010</i>	<i>2011</i>
1	23%	17%	12%	12%	14%
2	8%	10%	9%	9%	9%
3	23%	13%	11%	17%	14%
4	21%	17%	21%	19%	23%
5	57%	38%	40%	41%	50%
6	11%	9%	8%	8%	8%
7	17%	22%	18%	14%	14%
8	17%	16%	13%	14%	10%
9	20%	23%	14%	15%	16%
10	11%	9%	9%	9%	9%
Média	21%	17%	15%	16%	17%

FONTE: Elaborada pela autora a partir dos dados do BACEN (2012).

Na Tabela 5, o indicador ‘lucratividade dos ativos’ evidenciou, através da análise da média anual, que o percentual do total investido nos bancos, transformados em receitas, manteve-se estável de 2007 a 2011, com percentuais entre 9% e 10% ao longo do período. Na análise individual, o banco 4 foi o que apresentou maior lucratividade dos ativos durante os cinco anos.

Tabela 5: Lucratividade dos Ativos.

<i>Bancos</i>	<i>2007</i>	<i>2008</i>	<i>2009</i>	<i>2010</i>	<i>2011</i>
1	23%	17%	12%	12%	14%
2	8%	10%	9%	9%	9%
3	23%	13%	11%	17%	14%
4	21%	17%	21%	19%	23%
5	57%	38%	40%	41%	50%
6	11%	9%	8%	8%	8%
7	17%	22%	18%	14%	14%
8	17%	16%	13%	14%	10%
9	20%	23%	14%	15%	16%
10	11%	9%	9%	9%	9%
Média	21%	17%	15%	16%	17%

FONTE: Elaborada pela autora a partir dos dados do BACEN (2012).

4.2 INDICADORES FEBRABAN

Observa-se na Tabela 6 que o maior percentual de liquidez ocorreu no ano de 2007, quando na média geral os bancos atingiram 28,52% de liquidez. Todavia, verifica-se uma redução nos anos de 2008 e 2009, respectivamente, para 20,54% e 15,26%, ocorridos possivelmente devido aos reflexos da crise financeira internacional neste período. Nos anos de 2010 e 2011 evidencia-se uma elevação da liquidez para, respectivamente, 19,36% e 20,87%. Destacam-se os bancos 3 e 4, pois apresentaram maior liquidez nos cinco anos analisados.

Tabela 6: Índice de Liquidez Geral.

<i>Bancos</i>	<i>2007</i>	<i>2008</i>	<i>2009</i>	<i>2010</i>	<i>2011</i>
1	69,74%	61,06%	4,33%	13,61%	0,68%
2	20,20%	11,08%	9,48%	8,43%	8,85%
3	50,22%	23,90%	23,15%	27,22%	24,51%
4	73,79%	55,12%	55,12%	68,13%	88,04%
5	23,54%	16,27%	12,54%	13,80%	23,49%
6	14,01%	11,38%	14,42%	16,81%	14,35%
7	13,10%	13,46%	18,29%	23,31%	24,58%
8	14,68%	17,07%	14,93%	11,57%	7,35%
9	8,71%	6,31%	6,65%	9,42%	10,24%
10	-2,73%	-10,28%	-6,36%	1,03%	6,66%
Média	28,52%	20,54%	15,26%	19,33%	20,87%

FONTE: Elaborada pela autora a partir dos dados do BACEN (2012).

A Tabela 7 demonstra que, durante o período analisado, não ocorreram oscilações significativas dos indicadores e a média, geral e anual, dos bancos mantiveram-se equilibradas. O maior percentual ocorreu no ano de 2011, cuja média atingiu 86,02% de participação do capital de terceiros sobre o ativo. Observa-se que o banco 1 apresentou o menor índice durante os anos de 2007 a 2010, porém, em 2011 atingiu o percentual de 94,80%, o que o aproximou dos índices dos demais bancos.

Tabela 7: Índice de Capital de Terceiros sobre Ativo Total.

<i>Bancos</i>	<i>2007</i>	<i>2008</i>	<i>2009</i>	<i>2010</i>	<i>2011</i>
1	23,93%	23,22%	25,49%	24,32%	94,80%
2	83,17%	89,99%	90,42%	91,18%	91,16%
3	66,57%	80,71%	81,20%	78,61%	80,32%
4	85,13%	88,42%	85,62%	82,79%	80,80%
5	80,84%	85,92%	88,77%	87,79%	80,90%
6	86,97%	88,88%	86,47%	84,62%	86,88%
7	88,34%	88,09%	84,52%	81,08%	80,26%
8	87,06%	85,33%	86,97%	89,59%	93,13%
9	90,57%	92,92%	91,40%	89,50%	89,70%
10	88,97%	91,43%	89,83%	82,79%	82,23%
Média	78,16%	81,49%	81,07%	79,23%	86,02%

FONTE: Elaborada pela autora a partir dos dados do BACEN (2012).

Na Tabela 8 apresenta-se o índice de rentabilidade operacional dos bancos que, de acordo com a média anual, mantiveram-se estáveis ao longo do período analisado. Na análise individual do índice destacam-se os bancos 2, 3 e 4, pois apresentaram maiores índices de rentabilidade operacional.

Tabela 8: Índice de Rentabilidade Operacional.

<i>Bancos</i>	<i>2007</i>	<i>2008</i>	<i>2009</i>	<i>2010</i>	<i>2011</i>
1	0,79%	12,81%	10,84%	17,06%	5,88%
2	-32,17%	19,41%	33,63%	17,86%	18,78%
3	31,68%	25,30%	23,34%	25,20%	22,84%
4	20,29%	7,31%	11,70%	10,17%	21,82%
5	2,06%	2,20%	2,55%	2,54%	1,29%
6	0,87%	1,11%	1,21%	1,07%	16,01%
7	10,92%	22,53%	6,72%	6,91%	2,31%
8	0,31%	0,34%	2,08%	3,14%	3,56%
9	1,05%	2,36%	0,59%	0,99%	1,36%
10	1,87%	2,50%	2,03%	0,55%	0,59%
Média	7,76%	9,59%	9,47%	8,55%	9,44%

FONTE: Elaborada pela autora a partir dos dados do BACEN (2012).

Verifica-se, na Tabela 9, uma redução da média anual do índice de rentabilidade do Patrimônio Líquido que, em 2007 o índice era de 16,86% e em 2011 reduziu para 13,77%, todavia, o indicador ainda apresenta-se positivo.

Tabela 9: Índice Rentabilidade Final do Patrimônio Líquido.

<i>Bancos</i>	<i>2007</i>	<i>2008</i>	<i>2009</i>	<i>2010</i>	<i>2011</i>
1	10,75%	9,99%	10,02%	11,17%	7,61%
2	-21,89%	16,69%	32,19%	12,86%	16,90%
3	22,77%	16,09%	16,45%	17,39%	15,82%
4	20,34%	15,05%	13,82%	12,14%	18,69%
5	16,34%	18,08%	17,80%	23,94%	15,22%
6	7,69%	8,76%	2,49%	9,91%	8,91%
7	13,30%	16,03%	5,43%	1,94%	11,92%
8	17,86%	19,10%	23,63%	26,12%	19,72%
9	11,89%	15,20%	18,75%	19,87%	11,92%

10	30,81%	9,55%	-0,13%	23,89%	11,01%
Média	16,86%	14,45%	14,04%	15,92%	13,77%

FONTE: Elaborada pela autora a partir dos dados do BACEN (2012).

A Tabela 10 demonstra o índice de rentabilidade do ativo total que, durante os cinco anos analisados, de 2007 a 2011, apresentaram, na média, uma redução de 56,77%, o que representa uma situação não favorável, contudo, ainda positiva.

Tabela 10: Índice Rentabilidade do Ativo Total.

<i>Bancos</i>	<i>2007</i>	<i>2008</i>	<i>2009</i>	<i>2010</i>	<i>2011</i>
1	4,93%	4,58%	0,96%	0,92%	0,99%
2	-4,18%	2,09%	3,12%	1,16%	1,47%
3	6,59%	3,85%	3,13%	3,47%	3,24%
4	3,22%	1,87%	1,70%	1,81%	3,22%
5	2,84%	2,33%	1,92%	2,39%	2,62%
6	1,03%	1,05%	0,30%	1,37%	1,15%
7	1,46%	1,89%	0,73%	0,32%	2,00%
8	2,33%	2,64%	3,24%	3,01%	1,61%
9	1,21%	1,20%	1,43%	1,82%	1,18%
10	3,44%	0,84%	-0,01%	2,99%	1,76%
Média	3,01%	2,23%	1,65%	1,93%	1,92%

FONTE: Elaborada pela autora a partir dos dados do BACEN (2012).

De forma geral, as instituições analisadas, sob a ótica dos indicadores econômico-financeiros da FEBRABAN e Assaf Neto, tiveram um desempenho positivo e mantiveram seus níveis de lucratividade e rentabilidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O aumento na demanda por crédito no mercado automotivo impulsionou as montadoras a reforçarem as estratégias em gerenciar seus braços financeiros, os bancos de montadora.

A análise de desempenho destes bancos, no período de 2007 a 2011, evidenciou relativa estabilidade, em termos de lucratividade e rentabilidade, ao concentrar suas operações em recursos de terceiros ao liberar capital próprio. Conclui-se que, apesar de contrariar a Teoria das Carteiras de Harry Markowitz, os bancos de montadoras analisados obtiveram bom desempenho relacionado aos indicadores econômico-financeiros rentabilidade operacional, rentabilidade do patrimônio líquido e rentabilidade do ativo total.

Para novas pesquisas sugere-se a utilização de técnicas estatísticas e expansão da amostra, utilizando comparações entre os bancos de montadora e outros bancos.

REFERÊNCIAS

ANEF – Associação Nacional das Empresas Financeiras das Montadoras. Disponível em: <<http://www.anef.com.br>> Acesso em 13/07/2012.

Assaf Neto, A. (2012) *Mercado Financeiro*. 11ª. ed. São Paulo: Atlas.

_____. (201) *Estrutura e análise de balanços: um enfoque econômico-financeiro*. 9ª. ed. São Paulo.

- BACEN - Banco Central do Brasil. (2012) *Relatório de Estabilidade Financeira*. Volume 11. Número 1. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br>.> Acesso em 03/07/2012.
- Borghini, R.A. Z. (2011) *Economia financeira e economia produtiva: o padrão de financiamento da indústria automobilística*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós- Graduação em Ciências Econômicas da Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Economia, UNICAMP. Campinas.
- Brealey, R. A. e Myers, S. C. (1998) *Princípios de Finanças Empresariais*. Lisboa, McGraw-Hill, 5a Ed. 1998.
- Douat, J. C. (1995) *Desenvolvimento de Modelo para Administração de Carteira de Crédito a Pessoas Jurídicas em um Banco Comercial com Base na Teoria da Diversificação de Riscos*. Tese (Doutorado em Administração de Empresas). Programa de Pós-Graduação em Administração da FGV/EAESP. São Paulo.
- FEBRABAN. (1999) *Introdução à análise de instituições financeiras*. Coordenação Lúcia Maria Vilela de Rezende; participação Adelino Lehmkuhl *et al.* Revisão Antônio Carlos de Viveiros *et al.* São Paulo: IBCB. Caderno 18.
- Marion, J. C. (2010) *Análise das demonstrações contábeis: contabilidade empresarial*. 6ª. ed. São Paulo: Atlas.
- Matarazzo, D. C. (2010) *Análise financeira de balanços: abordagem básica e gerencial*. 7ª. ed. São Paulo: Atlas.
- Ross, S. A. *at al.* (1995) *Administração Financeira: Corporate Finance*. Tradução: Antônio Zoratto Sanvicente. São Paulo: Atlas.
- Saunders, A. (2000) *Administração de instituições financeiras*. Tradução Antônio Zoratto Sanvicente. São Paulo: Atlas.
- Sanvicente, A. Z. (2010) *Administração Financeira*. 3ª. ed. São Paulo: Atlas.
- Silva, T. L. da. Neto, P. de M. J. (2002) *Economia de Escala e Eficiência nos bancos brasileiros após o Plano Real. Econômicos*. Instituto de Pesquisas Econômicas–USP.
- Júnior, *at al.* (2007) *Eficiência Operacional: uma análise dos 50 maiores bancos brasileiros pelo Ranking BACEN*. 7º Congresso USP de Controladoria e Contabilidade. São Paulo/SP. Disponível em: <http://www.abbc.org.br/ADM/artigos estudosconfig/uploads/47897230593412652079_INDICE_DE_EFOPERACIONAL.PDF.> Acesso em 06/05/2013.
- Zanini, F. A. M.; Figueiredo, C. A. (2005) *As Teorias de Carteira de Markowitz e de Sharpe: Uma aplicação no mercado brasileiro de ações entre julho/95 e junho/2000*. Revista de Administração Mackenzie. Ano 6, n.2, p. 37-64.